

**Uma sequência didática sobre  
desastres para o 7º ano do Ensino  
Fundamental de uma Escola  
Municipal de Japeri-RJ.**

**Richard Almir de Melo Faria  
Felipe Rangel Tavares**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Faria, Richard Almir de Melo  
Uma sequência didática sobre desastres para o  
7º ano do ensino fundamental de uma escola municipal  
de Japeri-RJ [livro eletrônico] / Richard Almir de  
Melo Faria, Felipe Rangel Tavares. -- 1. ed. --  
Rio de Janeiro : ProfGeo-UERJ, 2025.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-83703-10-1

1. Desastres 2. Didática 3. Geografia (Ensino  
fundamental) I. Tavares, Felipe Rangel. II. Título.

25-316529.0

CDD-372.891

***Índices para catálogo sistemático:***

1. Geografia : Ensino fundamental 372.891

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# SUMÁRIO

Apresentação .....	4
Introdução .....	5
Desnaturalizando os desastres .....	7
O uso de sequências didáticas .....	10
Primeira aula: Introdução ao tema e questionário .....	13
Relato da primeira aula .....	15
Segunda aula: Desnaturalizando as “enchentes” .....	18
Relato da segunda aula .....	23
Terceira aula: Oficina de cartazes .....	25
Relato da terceira aula .....	29
Quarta aula: Apresentação dos cartazes .....	31
Considerações finais .....	33
Bibliografia .....	35
Sugestão de bibliografia .....	36

# Apresentação

Este produto pedagógico, na forma de e-book, é parte integrante da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia (PPEG), Curso de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em rede nacional (PROFGEO), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), intitulada: “Uma sequência didática sobre desastres no Ensino de Geografia: proposta para o 7º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Japeri-RJ”.

A temática central do trabalho são os desastres, em especial os hidrológicos, abordados com a intenção de contribuir para sua desnaturalização no imaginário dos estudantes, isto é, compreendê-los como processos socioambientais resultantes de ações humanas combinadas a fatores naturais, e não como fatalidades inevitáveis.

Para isso foi elaborada uma sequência didática voltada para uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental do município de Japeri, com atividades que buscaram promover o pensamento crítico, a contextualização com a realidade local e a valorização do território vivido pelos alunos.

A proposta pedagógica partiu do reconhecimento das experiências dos estudantes com as enchentes, ampliando progressivamente o olhar para aspectos estruturais, como a organização do espaço urbano disposta no município de Japeri. A sequência didática foi composta por atividades interativas, como rodas de conversa, análise de reportagens, produção de propostas de intervenção e oficina de cartazes.

Em resumo, nossa proposta visa fortificar o papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem e proporcionar aos estudantes uma experiência participativa e significativa

# Introdução

O ensino de Geografia, enquanto componente curricular voltado à compreensão das dinâmicas espaciais e territoriais, tem potencial significativo para contribuir com a formação de sujeitos críticos e conscientes das interações entre sociedade e natureza. A Geografia permite ao aluno compreender que os desastres não são apenas eventos naturais, mas sim o resultado da relação entre fenômenos ambientais e processos sociais, como o uso e ocupação do solo, desigualdade urbana e ausência de planejamento. Assim, a escola deve ser um espaço de construção de saberes que problematizam o espaço vivido e desenvolvem a capacidade de análise e intervenção dos estudantes em sua realidade.

Nesse sentido, a Lei nº 12.608/2012, que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), reconhece em seu texto a importância da educação como instrumento fundamental na promoção da cultura de prevenção e na redução dos riscos de desastres, o que reforça a responsabilidade das instituições escolares na formação de cidadãos preparados para enfrentar os desafios impostos pelos desastres. A legislação brasileira apoia a integração da Educação para Redução de Riscos de Desastres (ERRD) no ambiente escolar, promovendo ações preventivas, cidadãs e formativas.

Diante disso, é fundamental que a escola, em seu papel de agente de transformação social, amplie seu olhar para além dos muros institucionais e se mantenha atenta aos acontecimentos da comunidade e do bairro em que está inserida. Compreender as dinâmicas e acontecimentos do entorno permite que a equipe pedagógica esteja verdadeiramente conectada à realidade dos estudantes e de suas famílias.

Ao reconhecer os desafios enfrentados pela comunidade, a escola pode promover debates qualificados e contribuir de maneira ativa para o enfrentamento dos problemas locais, fortalecendo seu papel de agente de transformação social.

A pesquisa dialoga com o conceito de desnaturalização dos desastres, ou seja, com a compreensão de que esses eventos não devem ser encarados como fenômenos inevitáveis da natureza, mas como processos complexos, produzidos e potencializados por ações humanas.

Essa perspectiva, presente em diversos estudos críticos sobre a temática, é fundamental para romper com a ideia fatalista de que os desastres simplesmente acontecem e, ao invés disso, promover uma leitura geográfica e social do risco, da vulnerabilidade e da prevenção.

É relevante que se desenvolva uma abordagem integrada capaz de combinar aspectos sociais e naturais. Esse ponto é fundamental para proporcionar uma melhor compreensão dos fenômenos geográficos. Quando os alunos desenvolvem a percepção de que há uma interconexão entre as ações humanas e as dinâmicas naturais, o processo de ensino-aprendizagem se torna mais significativo.

Essa perspectiva valoriza a compreensão do espaço geográfico como uma construção social e histórica, marcada pela interação constante entre sociedade e natureza.

O município de Japeri enfrenta historicamente problemas de ordem socioambiental que afetam o cotidiano e a segurança da população. Os impactos provocados pelas chuvas, frequentemente intensificadas pela ocupação irregular do solo, pela deficiência na drenagem urbana e pela ausência de políticas públicas eficazes, revelam uma realidade de vulnerabilidade socioambiental que atinge o município.

Muitas famílias vivem em áreas de risco, próximas a encostas, rios e canais, onde os efeitos dos desastres se manifestam com maior magnitude, comprometendo não apenas a infraestrutura local, mas também a dignidade e a qualidade de vida dos moradores.

Dessa forma, sustenta-se a proposta de trabalhar, por meio do ensino de Geografia, ações pedagógicas que articulem teoria e prática, legislação e realidade, ciência e cotidiano. Essas ações contribuem para a formação de uma cultura de prevenção nas escolas.

# Desnaturalizando os desastres

Comumente faz-se o uso do termo “desastres naturais” para fazer referência a eventos que causam determinados tipos de estrago, aqueles que geram perdas materiais, e, até mesmo perdas humanas. Há um problema que deve ser refletido a respeito desse termo, pois os desastres estão associados a uma profunda relação entre sociedade e natureza.

O ensino de Geografia, enquanto componente curricular voltado à compreensão das dinâmicas espaciais e territoriais, tem potencial significativo para contribuir com a formação de sujeitos críticos e conscientes das interações entre sociedade e natureza. A Geografia permite ao aluno compreender que os desastres não são apenas eventos naturais, mas sim o resultado da relação entre fenômenos ambientais e processos sociais, como o uso e ocupação do solo, desigualdade urbana e ausência de planejamento. Assim, a escola deve ser um espaço de construção de saberes que problematizam o espaço vivido e desenvolvem a capacidade de análise e intervenção dos estudantes em sua realidade.

Nesse sentido, a Lei nº 12.608/2012, que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), reconhece em seu texto a importância da educação como instrumento fundamental na promoção da cultura de prevenção e na redução dos riscos de desastres, o que reforça a responsabilidade das instituições escolares na formação de cidadãos preparados para enfrentar os desafios impostos pelos desastres. A legislação brasileira apoia a integração da Educação para Redução de Riscos de Desastres (ERRD) no ambiente escolar, promovendo ações preventivas, cidadãs e formativas.

A pesquisa dialoga com o conceito de desnaturalização dos desastres, ou seja, com a compreensão de que esses eventos não devem ser encarados como fenômenos inevitáveis da natureza, mas como processos complexos, produzidos e potencializados por ações humanas.

Essa perspectiva, presente em diversos estudos críticos sobre a temática, é fundamental para romper com a ideia fatalista de que os desastres simplesmente acontecem e, ao invés disso, promover uma leitura geográfica e social do risco, da vulnerabilidade e da prevenção. Dessa forma, sustenta-se a proposta de trabalhar, por meio do ensino de Geografia, ações pedagógicas que articulem teoria e prática, legislação e realidade, ciência e cotidiano. Essas ações contribuem para a formação de uma cultura de prevenção nas escolas.

### **Definição de desastre - Lei 12.608/2012**

V - desastre: resultado de evento adverso, de origem natural ou induzido pela ação humana, sobre ecossistemas e populações vulneráveis que causa significativos danos humanos, materiais ou ambientais e prejuízos econômicos e sociais;  
(Incluído pela Lei nº 14.750, de 2023)

retirado de: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12608.htm),  
acessado em 31/07/2025.

A concepção de que os desastres podem ser em sua essência de origem natural, carrega significados problemáticos. A dissociação entre “natural” e “induzido pelo homem”, contido na definição exposta acima, pode dificultar a compreensão do caráter social e estrutural dos desastres. Há problemáticas decorrentes dessa interpretação, como, por exemplo, o ocultamento de certas responsabilidades relacionadas a ocorrência desses eventos.

Contribui para o entendimento da concepção de desnaturalização dos desastres as discussões encontradas no artigo “La historia del concepto de desnaturalización de desastres” (García-Acosta, 2021), o qual é endossado que os desastres não devem ser entendidos como eventos naturais e sim processos sociais e históricos, resultantes das vulnerabilidades das populações e da construção social do risco.

Segundo García-Acosta (2021, p.162): “Precisamos começar definindo o que é um desastre, talvez partindo do que ele não é:

- Não é sinônimo de fenômeno natural;
- Não é atribuível à natureza como agente ativo;
- Não é um evento que ocorre em um momento e lugar específicos.”

A desnaturalização dos desastres é um convite para um olhar que está para além do fenômeno físico, ela pode levar a uma compreensão da relação entre problemas históricos e estruturais que podem tornar comunidades mais expostas e desprotegidas. Reconhecer que não é o volume de chuva, por exemplo, o responsável pela tragédia, mas que por trás dela há ausência de planejamento urbano, a negligência do poder público e a desigualdade social, proporciona um olhar mais apurado a respeito dos desastres.

Para Monteiro e Zanella (2019), os desastres não devem ser compreendidos como eventos exclusivamente naturais, mas como processos historicamente construídos, condicionados por fatores sociais, como a vulnerabilidade das populações e a forma como o risco é socialmente produzido.

Logo, é importante ressaltar a responsabilidade do poder público na ocorrência de desastres. É possível pensar em ações que podem contribuir para mitigação dos desastres, dentre elas: planejamento urbano adequado, investimentos em infraestrutura, boa gestão de bacias hidrográficas, desenvolvimento de sistemas de alertas, educação e conscientização pública. Deveria ser prioridade do Estado o desenvolvimento de um espaço urbano sustentável, que além de tudo, valorize a dignidade humana.



A escola, a pesquisa, o poder público e a sociedade precisam refletir sobre isso. Educar para o entendimento dessas situações de risco é, portanto, educar para a justiça social. É promover uma consciência crítica que permita aos indivíduos compreenderem que é importante estar preparado para situações adversas e que parte dos desdobramentos que hoje são vistos como fatalidades, podem ser, na verdade, contornáveis e talvez até mesmo evitáveis.

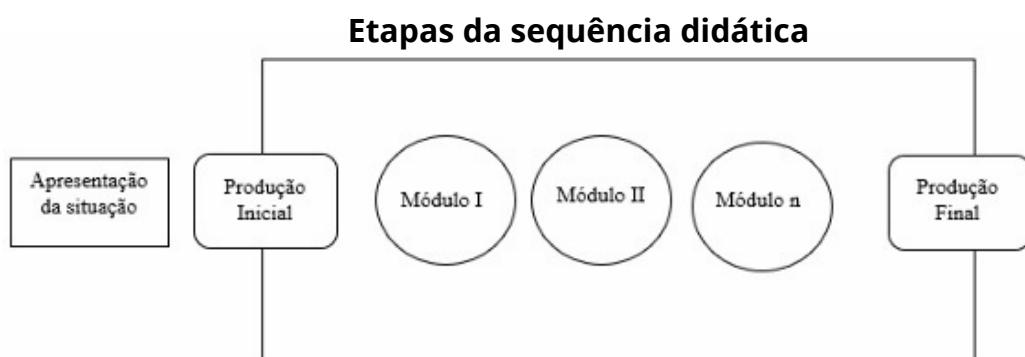
Ilustração criada com auxílio da ferramenta de geração de imagens do ChatGPT (OpenAI), em julho de 2025.

# O uso de sequências didáticas

A sequência didática tem se consolidado como uma proposta metodológica importante no contexto da prática docente contemporânea, especialmente por seu potencial em tornar o ensino mais significativo, articulado e conectado com a realidade dos estudantes. Seu uso crescente nas salas de aula revela uma preocupação dos educadores em planejar de forma mais intencional e estruturada, com foco no desenvolvimento de competências e na construção progressiva do conhecimento.

Diversos autores vêm se dedicando à reflexão sobre o uso e os benefícios dessa metodologia. Zabala (1998) defende que a sequência didática é composta por um conjunto de atividades organizadas de maneira articulada e com objetivos claros, que permite ao aluno avançar gradualmente na aprendizagem. Para o autor, esse planejamento favorece não apenas a aquisição de conteúdos, mas também o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias à formação integral do estudante.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), ao explorarem o ensino por meio de gêneros discursivos, ampliam a compreensão sobre o papel da sequência didática na promoção de aprendizagens mais profundas. Segundo os autores, essa proposta favorece a prática reflexiva, a apropriação da linguagem e o desenvolvimento de competências cognitivas e sociais, desde que esteja ancorada na realidade dos alunos e promova a construção ativa do conhecimento.



Fonte: Schneuwly e Dolz (2004, p. 83).

Levando em consideração essa estrutura, elaboramos a seguinte proposta:

1. Diagnóstico Inicial: identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema por meio da aplicação de um questionário.
2. Desenvolvimento: aprofundar as discussões sobre os desastres, em especial os hídricos, com a apresentação de conceitos fundamentais e a análise de reportagens relacionadas ao tema.
3. Oficina de produção de cartazes: os estudantes participam de uma oficina de cartazes, com posterior apresentação dos trabalhos para a própria turma, promovendo a troca de ideias e a consolidação dos aprendizados.
4. Produção final: apresentação dos trabalhos para a comunidade escolar, como forma de ampliar a conscientização e estimular o diálogo coletivo sobre a redução dos riscos de desastres.

Oliveira (2007) aponta que a sequência didática é uma estratégia metodológica potente, sobretudo na Educação Básica, pois permite ao professor organizar sua prática de forma sistemática, propor desafios progressivos e estabelecer relações entre teoria e prática. Trata-se, portanto, de uma proposta que valoriza o protagonismo dos estudantes e o papel mediador do professor na construção do conhecimento.

A proposta de realizar uma sequência didática está ligada a construção de um processo de ensino progressivo e intencional, que prioriza a organização do conhecimento por meio de atividades sequenciais que possam promover o protagonismo do aluno, de forma a contribuir com a consolidação de uma formação crítica e reflexiva. Para isso, é importante passar por algumas etapas de planejamento, aplicação e avaliação, com o objetivo de criar a interação entre os estudantes, os conteúdos e os recursos didáticos utilizados. Escolher o tema, organizar as atividades, traçar objetivos são elementos fundamentais para o sucesso desse modelo metodológico.

Elaborar um plano de aula é indispensável para assegurar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Um planejamento bem estruturado permite ao professor organizar os conteúdos de forma lógica e coerente, com objetivos claros, estratégias didáticas adequadas e formas de avaliação compatíveis.

Além de orientar a condução das atividades e o uso de recursos, o plano contribui para o acompanhamento do progresso dos alunos. Também ajuda a manter o foco no tema central, optimiza o tempo disponível e garante que todos os tópicos relevantes sejam abordados de maneira sistemática.



Ilustração criada com auxílio da ferramenta de geração de imagens do ChatGPT (OpenAI), em julho de 2025.

O plano de aula permite ao professor antecipar possíveis desafios e preparar estratégias de contingência, o que pode reduzir o impacto de imprevistos na qualidade das aulas. Um planejamento eficaz também facilita a integração de diferentes recursos pedagógicos e tecnológicos, o que enriquece a experiência de aprendizagem. Ao propor atividades diversificadas, o docente consegue atender às distintas necessidades dos

estudantes, promove a inclusão e incentiva a participação ativa de todos.

Outro aspecto relevante é que o planejamento funciona como instrumento de autoavaliação, possibilita ao professor reflexão sobre suas práticas, a partir disso identificar pontos de melhoria e aprimorar suas abordagens para aulas futuras. Assim, o plano de aula se consolida como uma ferramenta essencial para a construção de um ambiente educativo dinâmico, centrado no aluno e repleto de intencionalidade.

A autoavaliação do trabalho docente, favorecida pelo uso do plano de aula, constitui uma prática fundamental para o desenvolvimento profissional contínuo. Ao refletir sobre a eficácia de suas estratégias de ensino e a resposta dos alunos, o professor pode identificar quais metodologias têm gerado resultados positivos.

# Primeira aula: Introdução ao tema e questionário

O primeiro encontro da sequência didática foi desenvolvido de acordo com o seguinte plano de aula:

PLANO DE AULA	
“SUA RUA ENCHE QUANDO CHOVE?”	
<b>Público alvo:</b> 7º ano do Ensino Fundamental.	
<b>Materiais e Recursos:</b> Quadro branco, pincel, questionário, lápis e caneta.	
<b>Componente curricular:</b> Geografia <b>Habilidades (BNCC):</b> EF07GE01, EF07GE04, EF07GE05, EF07GE06.	<b>Duração:</b> 1 hora e 40 minutos <b>(1º Encontro)</b>
SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
<b>Situação Inicial – Diagnóstico e Mobilização</b> Objetivos: Identificar conhecimentos prévios dos alunos e despertar interesse pelo tema.  Atividades:  1) Discussão guiada (aplicação do questionário), a partir das perguntas dispostas no questionário para identificar:  a) Qual é a percepção dos alunos com relação a água e os corpos hidrícos em seu local vivência? b) O que os alunos já sabem sobre enchentes? c) Já vivenciaram ou conhecem alguém que passou por problemas decorrentes das enchentes? d) Quais são as causas das enchentes e dos desastres? e) O que pode ser feito para mitigar os desastres e seus desdobramentos?  Ao realizar essa etapa é possível ativar os conhecimentos prévios dos alunos, o que pode ajudar a contextualizar o aprendizado. A avaliação será feita frente a participação e contribuição dos alunos durante o preenchimento do questionário.	

Com objetivo de identificar o conhecimento prévio dos alunos e também despertar o interesse deles pelo tema, foi aplicado o seguinte questionário:

Nome: \_\_\_\_\_

Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 25.

Prof.: Richard Faria. Disciplina: Geografia.

**Questionário sobre enchentes**

Este questionário tem como objetivo entender a realidade de nossa comunidade escolar e os impactos das enchentes. A resposta de cada estudante é importante para que compreendam os o cenário.

**1) Você mora em Japeri?**  
( ) Sim. Qual Bairro? \_\_\_\_\_.  
( ) Não. Qual município/bairro? \_\_\_\_\_.

**2) Em seu caminho para escola tem algum rio?**  
( ) Sim. ( ) Não.

**3) Utilizam a água dos rios próximos a sua casa?**  
( ) Sim. Como? \_\_\_\_\_.  
( ) Não. Por que? \_\_\_\_\_.

**4) Costuma faltar água na sua casa?**  
( ) Sim.  
( ) Não.

**5) Você sabe o que é uma encheente?**  
( ) Sim. ( ) Não.

**6) Sua rua enche quando chove?**  
( ) Sim. ( ) Não.

**7) Você foi afetado de alguma forma pelas enchentes do inicio de 2024?**  
( ) Sim. ( ) Não. ( ) Não sei.

**8) Sua escola abordou o assunto de alguma forma?**  
( ) Não.  
( ) Sim.  
Como?  
\_\_\_\_\_

**9) Você conhece as causas das enchentes?**  
( ) Sim. ( ) Não.  
Quais?  
\_\_\_\_\_

**10) Você conhece ações que ajudam a prevenir ou reduzir os impactos das enchentes?**  
( ) Sim. ( ) Não.  
Quais?  
\_\_\_\_\_

Fonte: Acervo do autor (2025)

Os questionários e pesquisas fornecem dados que permitem ao professor adaptar o currículo e as metodologias de ensino de acordo com as características dos alunos. Ao compreender os interesses e preferências de cada estudante, os educadores podem criar aulas mais envolventes e significativas. Esses instrumentos ajudam a identificar necessidades específicas dos alunos, sejam elas acadêmicas, emocionais ou sociais. Com essas informações, é possível desenvolver intervenções mais bem direcionadas e eficazes. Quando os alunos percebem que suas opiniões e experiências são valorizadas, eles tendem a se sentir mais engajados e motivados.

O questionário utilizado com os alunos foi composto de 10 perguntas, elaboradas com o intuito de identificar a relevância das enchentes no cotidiano dos alunos. A coleta dessas informações foi essencial para uma compreensão mais ampla das condições de vida dos estudantes e as suas respectivas percepções associadas às enchentes. Tal ação objetivava facilitar o desenvolvimento de uma intervenção pedagógica mais eficaz, condizente com a realidade dos alunos.



Ilustração criada com auxílio da ferramenta de geração de imagens do ChatGPT (OpenAI), em julho de 2025.

# Relato da primeira aula

No primeiro dia da aplicação da sequência didática, iniciamos com a aplicação de um questionário diagnóstico. O objetivo desse questionário era obter uma visão preliminar sobre o conhecimento dos alunos e suas percepções sobre o tema. Para além de avaliar o nível de compreensão do conteúdo formal, buscava-se entender como os estudantes se relacionam com as questões que envolvem as enchentes, eventos com os quais muitos dos estudantes tiveram, seja por meio de notícias, experiências ou relatos de familiares.

O questionário foi estruturado de forma a abordar diversos aspectos, como as causas desses eventos, os impactos socioambientais, as ações preventivas e os seus desdobramentos na comunidade. As perguntas abertas permitiram que os alunos expressassem suas próprias opiniões e experiências, já as perguntas mais direcionadas visaram identificar a compreensão dos alunos sobre as causas e consequências desse fenômeno.

A aplicação do questionário foi bastante interativa e deu início a uma conversa enriquecedora. Cada uma das perguntas foi lida em voz alta e as respostas dos alunos geraram discussões relevantes sobre as diferentes dimensões do tema. Observamos que muitos alunos tinham uma percepção emocional sobre as enchentes, com destaque, por exemplo, a sensação de medo, a perda de bens materiais e o sofrimento das pessoas afetadas. Ao mesmo tempo, percebemos que havia uma lacuna em relação ao entendimento dos fatores geográficos e socioeconômicos relacionados a esses eventos. No entanto, essa lacuna foi essencial para direcionar o desenvolvimento da sequência didática.

Após a aplicação do questionário, aproveitamos a oportunidade para fazer algumas observações sobre as enchentes, com destaque para as causas naturais e humanas que contribuem para a ocorrência desses eventos. Abordamos também os impactos diretos sobre as comunidades e a importância da prevenção para minimizar os danos.

A fim de facilitar a compreensão dos alunos, foram feitas anotações no quadro, organizando tópicos para que todos pudessem acompanhar de maneira clara e objetiva.

As anotações no quadro além de informativas funcionaram como uma ferramenta de organização do pensamento coletivo da turma. À medida que discutimos, anotava as contribuições dos alunos no quadro, o que gerou um ambiente colaborativo e reflexivo, que permitiu que os próprios alunos construíssem uma compreensão mais crítica sobre o tema. A partir disso foi apresentada a importância da legislação, com base na Lei nº 12.608/2012, que trata da prevenção e resposta a desastres.

Esse primeiro encontro foi fundamental para envolver os alunos no tema de forma mais profunda e os preparou para as próximas etapas da sequência didática. O diálogo e a participação ativa da turma, com a análise de suas respostas e discussões sobre o impacto das enchentes, ajudaram a estabelecer uma base sólida de conhecimento para a compreensão das soluções possíveis e das estratégias de mitigação que seriam exploradas nos dias seguintes.

## Segunda aula: Desnaturalizando as “enchentes”

A segunda aula da sequência didática foi dividida em 3 momentos, com o apoio de uma apresentação de slides a proposta era começar o encontro com uma pergunta direcionada para turma:

**Reprodução do slide exibido para a turma.**



*Vocês já viram ou vivenciaram  
uma enchente?*



Fonte: Acervo do Autor (2025)

Transformar a sala de aula em um espaço de escuta ativa sobre as experiências dos estudantes foi um momento enriquecedor, pois é dessa forma que se torna possível desenvolver o conteúdo contemplando a realidade vivida pelo aluno, como Callai (2014) destaca a importância de vincular o ensino de Geografia à realidade local vivenciada pelos alunos, ressalta, que essa aproximação torna os conteúdos mais significativos e facilita a compreensão dos estudantes.

Para a autora, contextualizar os temas abordados com o cotidiano dos educandos promove uma aprendizagem crítica e conectada com suas experiências. Ao reconhecer e integrar essas realidades no planejamento das aulas, os professores podem criar um currículo que se conecta com a vida cotidiana dos alunos. Isso não só torna o aprendizado relevante, como também ajuda os estudantes a verem a utilidade dos conteúdos no mundo real.

Vale destacar que o segundo encontro da sequência didática foi desenvolvido de acordo com o seguinte plano de aula:

PLANO DE AULA	
“SUA RUA ENCHE QUANDO CHOVE?”	
<b>Público alvo:</b> 7º ano do Ensino Fundamental.	
<b>Materiais e Recursos:</b> Materiais audiovisuais, projetor, caixa de som, quadro branco e pincel.	
<b>Componente curricular:</b> Geografia <b>Habilidades (BNCC):</b> EF07GE01, EF07GE04, EF07GE05, EF07GE06.	<b>Duração:</b> 1 hora e 40 minutos <b>(2º Encontro)</b>
SEQUENCIA DIDÁTICA	
<b>Desenvolvimento</b> Objetivos: Apresentar aos alunos recursos visuais referentes às fortes chuvas de fevereiro de 2024 e seus desdobramentos para a população de Japeri. Diferenciar os termos enchentes, inundações e alagamentos. Contextualizar a relação sociedade-natureza no que tange a ocorrência desses eventos.  Atividades:  1) Para iniciar o segundo momento será feita uma pergunta aos alunos: “Vocês já viram ou vivenciaram uma enchente?”. A pergunta será realizada com uma imagem projetada ao quadro, com diversas ruas alagadas de um bairro próximo a escola, resultado das fortes chuvas de fevereiro de 2024.  2) Após a participação inicial dos alunos é perguntado se eles reconhecem o local da imagem exibida.  3) Em seguida, será reproduzida a reportagem a qual a imagem exibida anteriormente foi retirada, e será revelado ela é de uma área próxima. A reportagem tem duração de aproximadamente 10 minutos e é dividida em 2 momentos, para que os alunos possam fazer suas contribuições a respeito do evento. Como trata-se de um evento recente, ao assistir a reportagem espera-se que algumas lembranças possam ser resgatadas.  Passado esse momento inicial entraremos em uma sequência de abordagens conceituais que visam expandir a percepção dos alunos sobre eventos como aquele que acabaram de ser exibidos. Em seguida será feita:  a) A diferenciação entre os termos: enchentes, alagamentos e inundações. b) A contextualização das causas das enchentes, e de forma intencional, divididas entre causas naturais e humanas. c) A problematização de algumas das consequências que esses desastres podem causar. d) A exposição de algumas formas de prevenir ou atenuar a ocorrência desse tipo de desastre.  Como forma de avaliar os alunos, além da participação nos questionamentos feitos, eles se organizarão em grupos para elaborar um comentário a partir dos seguintes questionamentos: “Os desastres são naturais? O que podemos fazer para evitar enchentes na nossa cidade?”	

Em seguida a pergunta feita, “Vocês já viram ou vivenciaram uma enchente?”, foram exibidos trechos de uma reportagem que repercutiu os efeitos das fortes chuvas, de fevereiro de 2024, que atingiram o município de Japeri.

**Reportagem exibida durante o segundo encontro.**



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/12378312/>, acessado em 22/02/2024.

A partir da reportagem os alunos puderam a refletir sobre as causas e consequências dos desastres, em especial aqueles relacionados com precipitações intensas. Na sequência tivemos um momento de apresentação de termos que comumente são utilizados como sinônimos: enchentes, alagamentos e inundações.

Utilizamos algumas figuras, em sequência, para apoiar a definição de cada um deles. A primeira delas representando uma situação de condições normais:

**Ilustração de um cenário com condições normais**



Fonte: Publicado por portal Geoblog, com créditos para @geografrando, acessado em 15/03/2025.

Na sequência utilizamos uma figura para ilustrar um cenário de enchente:



Fonte: Publicado por portal Geoblog, com créditos para  
@geografrando, acessado em 15/03/2025.

Logo após, utilizamos uma imagem para representar situações de alagamento e inundação:



Fonte: Publicado por portal Geoblog, com créditos para  
@geografrando, acessado em 15/03/2025.

A apresentação das ilustrações apresentadas contribuíram para que os alunos pudessem compreender que há diferença entre a ocorrência dos três termos.

No entanto a respeito disso, cabe uma ressalva. Apesar das distinções conceituais entre os termos enchente, inundação e alagamento, reconhecidas por diferentes autores, optou-se, ao longo desta pesquisa, em especial na aplicação da sequência didática, pelo uso predominante da palavra enchente. Essa escolha não ignora os significados técnicos atribuídos a cada um desses fenômenos, mas parte de uma decisão didática e comunicacional fundamentada na realidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Durante o desenvolvimento da sequência didática, observou-se que o termo enchente é amplamente utilizado pelos próprios alunos, suas famílias e pela comunidade local para se referir a quaisquer eventos relacionados ao acúmulo excessivo de água, seja por transbordamento de rios ou por deficiência no escoamento urbano. Assim, ao adotar essa terminologia, buscou-se respeitar o vocabulário cotidiano dos estudantes, aproximar o conteúdo científico da realidade vivida e favorecer a identificação com a situação problema, elemento central para promover aprendizagens significativas.

Dessa forma, a escolha pelo uso recorrente do termo enchente não compromete a precisão teórica do trabalho, uma vez que, nos momentos oportunos, as distinções entre os conceitos foram devidamente apresentadas e debatidas. Pelo contrário, essa opção reforça o compromisso com uma prática pedagógica contextualizada, dialógica e sensível às linguagens locais.

Buscamos em um momento final refletir sobre algumas das causas dos desastres hídricos, assim como suas consequências. Como atividade final foi proposto aos alunos refletir sobre a seguinte pergunta: “O que pode ser feito para evitar cenários de desastres como os visto em nosso encontro?”

**Reprodução do slide exibido para a turma.**

### **Para refletir**

**O que pode ser feito para evitar cenários  
de desastres como os visto em nosso  
encontro?**

Fonte: Acervo do Autor (2025)

# Relato da segunda aula

O momento inicial da aula consistiu em retomar os conceitos fundamentais que foram levantados no encontro anterior. Refletimos sobre a diferença entre os termos enchentes, alagamentos e inundações, ponto que despertou bastante curiosidade entre os alunos. Muitos deles, inicialmente, não sabiam como utilizar esses termos, associando-os diretamente a qualquer tipo de acúmulo de água, como se fossem sinônimos. Ao especificarmos cada um desses eventos, os alunos puderam compreender as particularidades de cada um, como a duração do evento, sua relação com a intensidade das chuvas e as condições do solo e do relevo que influenciam sua ocorrência.

Em seguida, desenvolvemos uma discussão mais pessoal e próxima à realidade dos alunos, com base nas experiências que eles tinham sobre o tema. Perguntamos aos alunos se eles já vivenciaram ou presenciaram algum evento relacionado a enchentes, inundações e alagamentos. De imediato, as respostas começaram a surgir, muitos alunos compartilharam relatos de situações locais, em suas próprias casas ou em áreas vizinhas. Também foi mencionado pela turma, os diferentes impactos que esses eventos causaram, como a perda de bens materiais, a dificuldade de locomoção nas ruas e o medo constante de perder tudo, e a ansiedade por ter que reconstruir a vida novamente. A partir desses relatos, fizemos uma reflexão sobre as consequências sociais e econômicas que eventos como esses podem gerar, com destaque para as populações mais vulneráveis.

Esse exercício de identificação pessoal com o conteúdo foi um ponto central da aula. Quando falamos sobre as fortes chuvas que atingiram, no início de 2024, o município de Japeri, os alunos se aproximaram e se envolveram com o tema. Quando mostramos as reportagens sobre as chuvas intensas do período de 2024, que resultaram na morte de duas pessoas e afetaram gravemente a região, a ponto de ser decretado estado de calamidade pública, os alunos perceberam que aquele evento não era distante, mas algo que realmente impactou suas vidas e a comunidade em que vivem. O fato de a área de Engenheiro Pedreira, onde muitos deles moram e estudam, ser uma das mais atingidas, os aproximou da situação criada em sala de aula.

Uma das reportagens utilizadas, como mostra a figura 9, mencionou a Escola Municipal Santos Dumont como um ponto de apoio para as famílias atingidas pelas chuvas. Ao assistirem o trecho em que a escola foi citada, um momento de agitação ocorreu. A partir da reportagem, muitos alunos lembraram da semana em que as aulas foram suspensas devido ao desastre e reviveram a experiência de ver sua escola transformada em abrigo temporário, onde famílias afetadas receberam atendimentos, alimentos e apoio emocional. Esse exercício de memória coletiva gerou um momento de conscientização, pois os alunos perceberam que a escola não só serviu como abrigo físico, mas também como um espaço de acolhimento e apoio social em um momento de grande necessidade.

A aula teve continuidade com a discussão sobre as causas desse desastre, um ponto decisivo para aprofundar o entendimento dos alunos. Além das já mencionadas chuvas, exploramos outros fatores fundamentais que contribuíram para a ocorrência desses eventos. O relevo, por exemplo, foi analisado no contexto local: as áreas mais baixas e próximas a rios, como as de Japeri, são mais vulneráveis ao transbordamento das águas. O uso de solo também foi discutido, e destacou-se como a impermeabilização do solo intensifica os efeitos das chuvas.

Adicionalmente, abordamos o impacto da falta de planejamento urbano, um dos fatores principais que agrava esses eventos, especialmente em áreas urbanizadas de maneira inadequada. A impermeabilização do solo (resultante, por exemplo, da construção de calçadas, ruas asfaltadas e edificações) e o descarte inadequado de lixo foram outros pontos de discussão, pois o lixo bloqueia as redes de drenagem e impede o escoamento da água das chuvas. Os alunos também se mostraram interessados ao discutirmos o desmatamento das áreas de várzea e as consequências da falta de vegetação para absorver as águas das chuvas.

Por fim, discutimos as formas de mitigação do problema e focamos em estratégias preventivas que poderiam ser adotadas para evitar que desastres hidrológicos fossem potencializados. A turma refletiu sobre a importância de ações coletivas, como a conscientização sobre o descarte correto de lixo, a recuperação de áreas de mata ciliar, a adequação do planejamento urbano e a criação de infraestruturas de drenagem eficientes.

# Terceira aula: Oficina de cartazes

O terceiro encontro da sequência didática foi desenvolvido de acordo com o seguinte plano de aula:

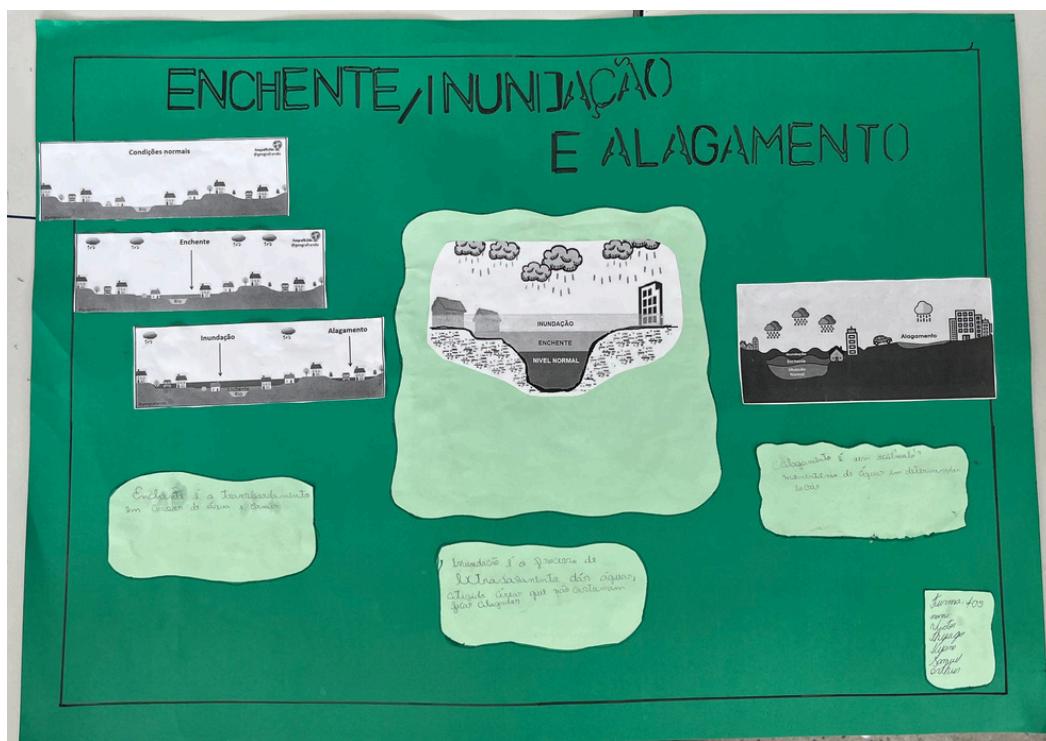
PLANO DE AULA	
“SUA RUA ENCHE QUANDO CHOVE?”	
<u>Público alvo:</u> 7º ano do Ensino Fundamental.	
<b>Materiais e Recursos:</b> Caixa de som, quadro branco, e pincel, cartolinhas, cola, tesouras, régua, lápis de cor e canetinhas.	
<b>Componente curricular:</b> Geografia <b>Habilidades (BNCC):</b> EF07GE01, EF07GE04, EF07GE05, EF07GE06.	<b>Duração:</b> 1 hora e 40 minutos. <b>(3º Encontro)</b>
SEQUENCIA DIDÁTICA	
<b>Oficina de cartazes</b> Objetivos: Proporcionar aos alunos um momento de reflexão dos temas conversados nos momentos a partir de uma oficina de cartazes. Confeccionar materiais que possam dar publicidade ao tema ao ser compartilhado não só com a turma, mas também, posteriormente, com toda a comunidade escolar.	
<b>Atividades:</b>  1) Os alunos dividem-se em grupos a fim de produzir materiais que possam dar publicidade ao tema dos desastres para toda a comunidade escolar. Cada grupo dá ênfase em um assunto, sendo eles:  a) A diferenciação dos termos: enchentes, inundações e alagamentos. b) As diferentes causas das enchentes. c) Os prejuízos e consequências gerados pelas enchentes. d) Como evitar enchentes e/ou atenuar seus efeitos.  Como forma de avaliar os alunos é considerado o envolvimento que os grupos têm durante a produção de cada material, além da divisão das tarefas para confeccionar os cartazes. Será disponibilizado os mesmos materiais, como cartolinhas, tesouras, cola, figuras, canetinhas, régua, entre outras coisas. Apesar de possuírem os mesmos materiais, acredita-se que cada grupo se comunicará de uma forma específica, de acordo com a criatividade e especificidade de cada um.	

Ao início da aula os alunos foram divididos em grupos, para que participassem de uma oficina de confecção de cartazes. Todos os grupos receberam materiais semelhantes para realizar o trabalho: cartolinhas, cola, régua, figuras, canetinhas, entre outras coisas.

Cada grupo ficou responsável por um tema relacionado com assuntos que foram abordados durante as aulas anteriores. A intenção era proporcionar aos alunos um momento de reflexão sobre os assuntos conversados durante os encontros anteriores, onde eles pudessem expressar através dos cartazes suas impressões sobre o tema. A seguir segue, em sequência, os cartazes que foram produzidos.

O grupo 1 apresentou as diferenças entre os termos enchente, inundação e alagamento.

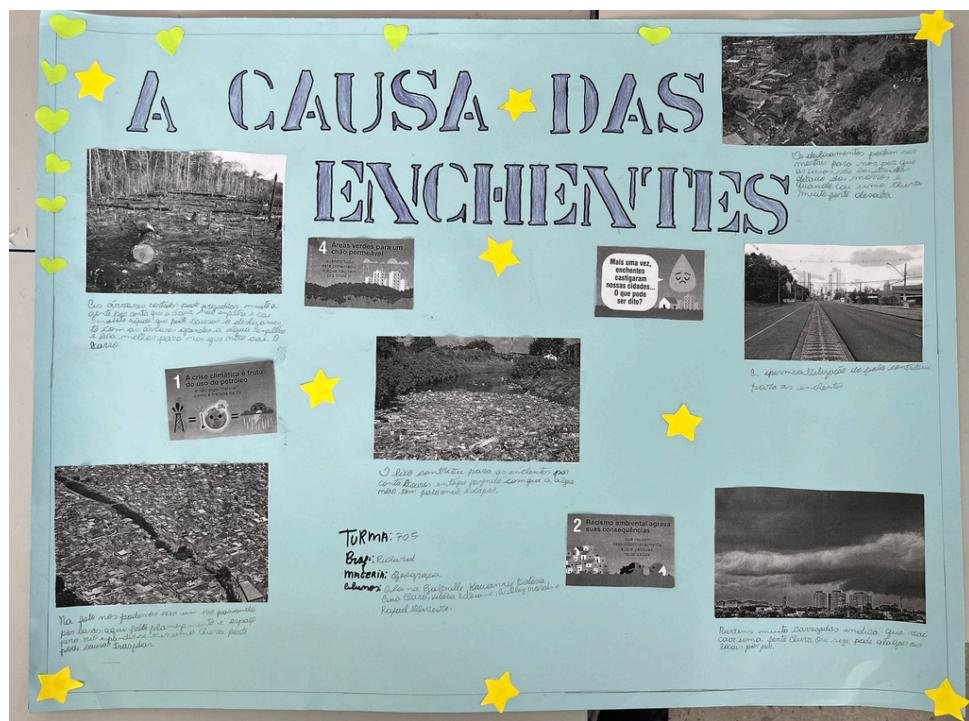
#### **Grupo 1: Enchentes, inundações e alagamentos.**



Fonte: Acervo do Autor (2025)

O grupo 2 apresentou algumas das causas dos desastres hídricos.

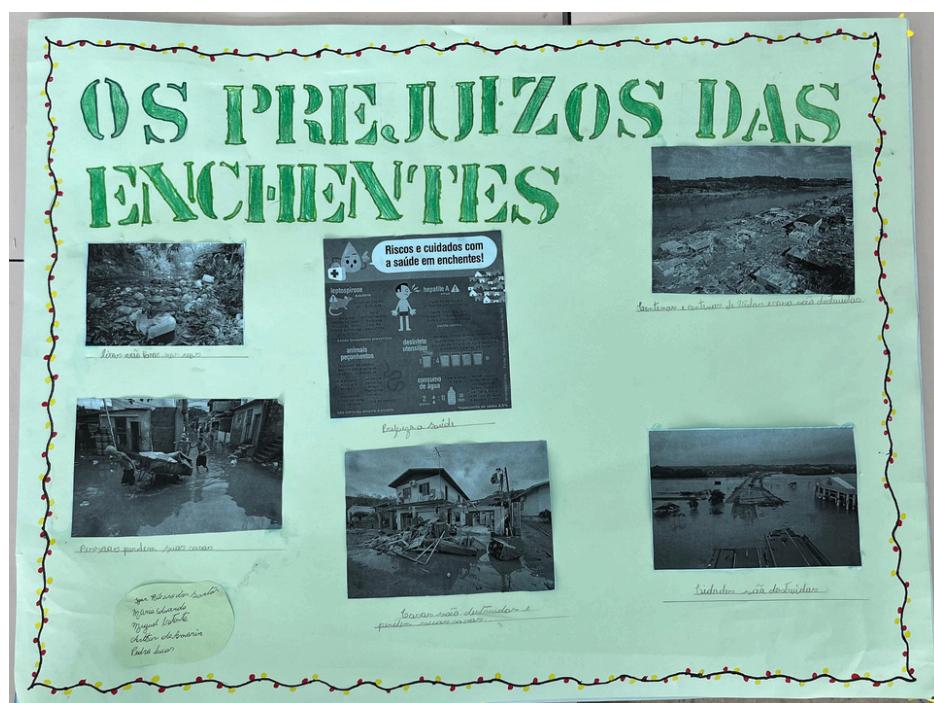
## Grupo 2: As causas das enchentes.



Fonte: Acervo do Autor (2025)

O grupo 3 apresentou algumas das consequências dos desastres hídricos.

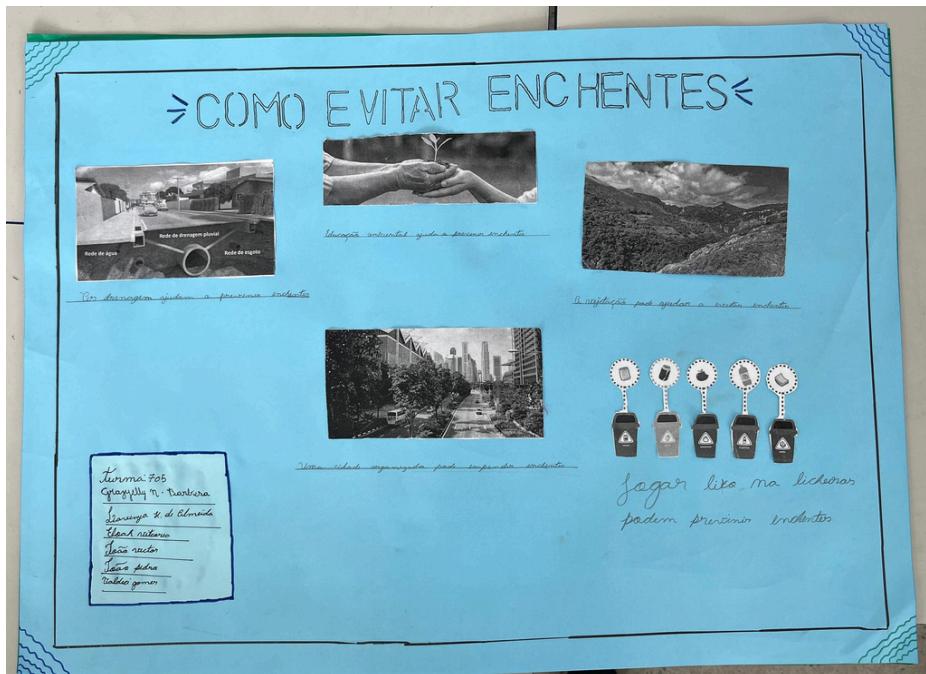
## Grupo 3: Os prejuízos das enchentes.



Fonte: Acervo do Autor (2025)

O grupo 4 apresentou algumas medidas que podem ser tomadas como forma de atenuar a problemática das enchentes.

#### Grupo 4: Como evitar enchentes.



Fonte: Acervo do Autor (2025)

A respeito do resultado final dos cartazes, cabe ressaltar que buscou-se a mínima intervenção, por parte do docente, em sua elaboração, limitando-se ao fornecimentos dos materiais e ferramentas necessários para a sua construção, como réguas, tesouras, cartolinhas, cola, folhas, canetinhas e imagens. A escolha dos títulos, distribuição de imagens, textos, etc. foi pensado coletivamente por cada grupo, como forma de comunicar o tema selecionado.

# Relato da terceira aula

O terceiro encontro da sequência didática, centrado nos desastres hidrológicos, foi marcado pela realização de uma atividade prática, que envolveu todos os alunos de maneira plena e colaborativa. Esse foi o momento de reunir os principais pontos discutidos ao longo dos dois primeiros encontros e de consolidar o aprendizado com uma atividade de produção coletiva, que teve como objetivo dar visibilidade ao tema e estimular a reflexão crítica.

Durante a aula, retomamos quatro pontos que foram escolhidos pelos próprios alunos, que consideraram tais como os mais relevantes ao longo da sequência didática:

1. Enchentes, alagamentos e inundações, com a diferenciação de cada um desses eventos.
2. As causas das enchentes, que envolvem fatores naturais e humanos.
3. Os prejuízos causados pelas enchentes, com a abordagem dos impactos sociais, econômicos e ambientais.
4. As formas de evitar ou mitigar os desastres hidrológicos, com reflexão sobre soluções e ações possíveis para minimizar os danos.

A atividade proposta foi a construção de cartazes, um exercício que visava promover uma aprendizagem visual, manual e colaborativa, além de servir como uma forma de dar publicidade aos conhecimentos desenvolvidos pelos alunos. Dividimos a turma em quatro grupos e cada grupo ficou responsável por desenvolver um cartaz que abordasse um dos pontos selecionados. Essa atividade foi planejada como uma verdadeira oficina de cartazes, onde os alunos poderiam utilizar sua criatividade e para expressar suas ideias de forma visual, além de reforçar o aprendizado de forma prática.

Cada grupo se envolveu ativamente na elaboração dos cartazes, trocou informações, dividiu responsabilidades e discutiu as melhores formas de organizar as informações. A cooperação entre os alunos foi evidente e a atividade proporcionou um ambiente de interação constante, onde todos puderam contribuir com suas ideias e questionamentos. O trabalho em grupo estimulou o pensamento crítico e a solução colaborativa de problemas, aspectos que são essenciais no processo de aprendizagem.

Além disso, a oficina foi um momento de expressão criativa, onde os alunos puderam usar sua visão pessoal e perspectivas locais para apresentar as informações de maneira acessível. Os cartazes produzidos não apenas abordaram os conteúdos de forma clara, mas também refletiram a realidade do município de Japeri, que como vimos em outros momentos, é fortemente impactado por desastres. Foi gratificante perceber como os alunos se apropriaram do tema e se dedicaram.

O momento de construção dos cartazes foi, sem dúvida, um ponto alto da sequência didática, pois permitiu aos alunos trabalharem as ideias de forma interativa e envolvente. Além disso, essa atividade teve um caráter educativo e comunicativo, já que, ao final, todos os cartazes foram expostos na sala de aula, o que proporcionou um espaço para apresentação dos trabalhos e para a troca de novas percepções entre os alunos.

Essa experiência de apresentação dos trabalhos, dentro da própria turma, foi fundamental para o encerramento do terceiro encontro da sequência didática. Ao mesmo tempo em que os alunos se apropriaram dos conteúdos, também desenvolveram outras habilidades como trabalho em equipe, comunicação e pensamento crítico.

# Quarta aula: Apresentação dos trabalhos

O quarto encontro da sequência didática foi desenvolvido de acordo com o seguinte plano de aula:

PLANO DE AULA	
“SUA RUA ENCHE QUANDO CHOVE?”	
<u>Público alvo:</u> 7º ano do Ensino Fundamental.	
<b>Materiais e Recursos:</b> Cartazes, mesas e/ou cavaletes.	
<b>Componente curricular:</b> Geografia <b>Habilidades (BNCC):</b> EF07GE01, EF07GE04, EF07GE05, EF07GE06.	<b>Duração:</b> 1 hora e 40 minutos. <b>(4º Encontro)</b>
SEQUENCIA DIDÁTICA	
<b>Apresentação dos trabalhos e cartazes</b> Objetivos: socializar com a comunidade escolar os conhecimentos construídos durante a sequência didática, como forma de estimular o protagonismo estudantil, por meio da exposição de ideias e propostas ligadas à temática das enchentes. Promover a conscientização da comunidade escolar sobre riscos e impactos das enchentes em contextos urbanos.	
<b>Atividades:</b> <ol style="list-style-type: none"><li>1) Os grupos organizam seus cartazes em mesas ou painéis previamente montados no pátio ou sala multiuso da escola. Cada grupo revisa brevemente o que será apresentado e como será a dinâmica de diálogo com os visitantes.</li><li>2) Os grupos recebem os visitantes (alunos de outras turmas, professores, funcionários e familiares, se possível). Explicam os cartazes, respondem dúvidas e estimulam o diálogo.</li><li>3) Após o momento de apresentação, reúne-se os alunos de volta à sala de aula para uma breve roda de conversa, em um momento de avaliação da experiência.</li></ol> <p>Como forma de avaliar os alunos é considerado o envolvimento que os grupos têm durante as apresentações e posteriormente a participação na roda de conversa.</p>	

O quarto encontro da sequência didática foi elaborado para que os alunos tivessem um momento para compartilhar sua experiência adquirida ao longo das aulas. A proposta é que os trabalhos desenvolvidos sejam apresentados para a comunidade escolar, como forma de estimular o protagonismo estudantil, e promover a conscientização da própria comunidade sobre o tema dos desastres.

Vale ressaltar que essa etapa da sequência didática, apesar de planejada, ainda não foi posta em prática. Acreditamos que sua realização proporcione um bom encerramento para a sequência. Ela é capaz de consolidar o aprendizado, e permite que os alunos expressem suas ideias, fortalecendo o entendimento sobre o tema e a importância de agir para prevenir os desastres. A intenção é que esse momento seja retomado na culminância de algum evento na escola, onde os alunos terão a oportunidade de apresentar seus cartazes e pesquisas para a comunidade escolar.

# Considerações finais

A proposta desenvolvida esteve ancorada em três objetivos específicos: compreender a realidade socioambiental dos alunos do 7º ano, que vivem em áreas do município de Japeri, ou próximas, identificar seus conhecimentos prévios sobre a ocorrência de desastres; desenvolver uma sequência didática voltada para esses temas, baseada no ensino de Geografia, que promovesse a reflexão crítica sobre a relação sociedade-natureza e a ocorrência de desastres; e analisar os efeitos da aplicação dessa sequência didática na formação de uma cultura de prevenção e resiliência aos desastres. Esses objetivos orientaram as escolhas metodológicas e teóricas ao longo de toda a investigação.

A experiência em sala de aula evidenciou que a sequência didática é uma metodologia potente no campo do Ensino de Geografia, especialmente quando se trata de articular conteúdos escolares com a realidade vivida pelos alunos. No caso de Japeri, um município historicamente vulnerável aos impactos dos desastres hídricos, esse recurso pedagógico possibilitou trabalhar a temática dos desastres de forma crítica, aproximando os conteúdos curriculares das experiências cotidianas dos estudantes. O engajamento dos alunos nas atividades propostas, como análise de vídeos, leitura de imagens, discussões em grupo, produção textual e produção de cartazes, demonstrou que quando mobilizados com intencionalidade os estudantes desenvolvem reflexões mais profundas e demonstram maior interesse pelos temas abordados.

Durante a aplicação da sequência didática, foi possível observar mudanças importantes na percepção dos alunos quanto à ocorrência dos desastres. Muitos estudantes, inicialmente, compreendiam as enchentes, inundações e alagamentos, como fenômenos exclusivamente naturais, dissociados de processos sociais, históricos e políticos. Ao longo das aulas, no entanto, começaram a perceber a influência de fatores como o crescimento urbano desordenado, a ausência de planejamento, a precariedade da infraestrutura e a desigualdade socioespacial na intensificação dos impactos dos desastres. Essa mudança de perspectiva é um indício relevante de que o processo de ensino-aprendizagem foi capaz de promover a desnaturalização desses eventos, um dos principais propósitos da Educação para Redução de Riscos de Desastres (ERRD).

Outro aspecto importante foi a valorização do espaço vivido como ponto de partida. Ao discutir os impactos das enchentes em suas ruas, bairros e comunidades, os estudantes puderam refletir sobre as causas e consequências dos problemas que vivenciam. Isso contribuiu para a construção de um conhecimento situado, que reconhece o aluno como sujeito de direitos, pertencente a um espaço com dinâmicas próprias e desafios concretos. Tal abordagem reforça a importância do ensino de Geografia como ferramenta para o exercício da cidadania e para a formação de indivíduos capazes de interpretar, questionar e transformar a realidade em que vivem.

O diálogo com a Lei nº 12.608/2012, que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil, permitiu articular a prática pedagógica com as diretrizes legais que orientam as ações de prevenção e resposta a desastres no Brasil. A inserção da legislação no contexto da sala de aula mostrou-se essencial para reforçar, junto aos alunos, a ideia de que o enfrentamento dos desastres não depende apenas de ações individuais, mas principalmente de políticas públicas efetivas, do acesso à informação e da organização coletiva. Esse aspecto é especialmente relevante em contextos vulneráveis como o de Japeri, onde em muitos casos a população não tem acesso a informações claras sobre os riscos a que está exposta.

Embora os resultados obtidos com a aplicação da sequência didática sejam positivos, é importante reconhecer as limitações enfrentadas ao longo da pesquisa. O tempo reduzido para a realização das atividades em sala de aula, as condições estruturais da escola e o contexto social adverso dos estudantes são fatores que impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Ainda assim, a experiência mostrou que mesmo diante dos desafios é possível promover uma prática pedagógica crítica, participativa e transformadora. A continuidade desse trabalho, com maior tempo de desenvolvimento e aprofundamento dos temas, certamente poderá gerar impactos ainda mais significativos na formação dos alunos. De certo, essa sequência didática será levada para outras turmas, com ajustes e melhorias, de forma a ampliar a cultura de prevenção aos desastres aqui defendidos.

# Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - PNPDEC; dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil - SINPDEC e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil - CONPDEC; e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 149, n. 69, p. 1, 11 abr. 2012. Acesso em: 10 fev. 2025.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. Gêneros orais e escritos da escola. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108. Acesso em: 12 fev. 2025.

GARCÍA-ACOSTA, V. A História do conceito de Desnaturalização de Desastres. Rev. C&Tró pico, v. 45, n. 2, p. 159-166, 2021. DOI: [https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2\(2021\)art9](https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2(2021)art9). Acesso em 02 mar. 2025.

MONTEIRO, Jander Barbosa; ZANELLA, Maria Elisa. Desnaturalizando o desastre: as diferentes concepções teóricas que envolvem o conceito de desastre natural. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v. 21, n. 1, p. 40-54, jun. 2019. Disponível em: <http://uvanet.br/rcgs>. Acesso em: 02 mar. 2025.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia vinculado à realidade local vivenciada pelos alunos. In: Congresso Brasileiro de Geografia, 2014, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014. Disponível em: [https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404547689\\_ARQUIVO\\_OENSINODEGEOGRAFIAVINCULADOAREALIDADELOCALVIVENCIADAPELOSALUNOS.pdf](https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404547689_ARQUIVO_OENSINODEGEOGRAFIAVINCULADOAREALIDADELOCALVIVENCIADAPELOSALUNOS.pdf). Acesso em: 10 fev. 2025.

# Sugestão de bibliografia

GONZALEZ, Denise; COSTA, Alexander da. Análise da percepção de risco e vulnerabilidade a partir dos alunos do ensino médio na vivência de Nova Friburgo/RJ após desastre natural de 2011. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n. 9, p. 187-211, jun. 2016. Acesso em: 15 mar. 2025

Guerra, Antônio Teixeira, 1924-1968. Novo dicionário geológico-geomorfológico / Antônio Teixeira Guerra e Antonio José Teixeira Guerra - 7<sup>a</sup> ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Acesso em: 20 fev. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades – Japeri. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/japeri/panorama>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SOUSA, Rodrigo Vitor Barbosa; ROCHA, Paulo Cesar. Inundações e conceitos correlatos: revisão bibliográfica e análise comparativa. In: Revisões de Literatura da Geomorfologia Brasileira, p. 265-277. Brasília: Selo Caliandra; Universidade de Brasília (UNB), 2022. DOI: 10.26512/9786586503852.c10. Acesso em: 17 abr. 2025.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. Acesso em: 12 fev. 2025.